

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PEDAGOGIA**

**INCLUSÃO EDUCACIONAL DE PESSOAS COM NECESSIDADES
EDUCATIVAS ESPECIAIS NO ENSINO REGULAR**

MARIA DO ROSÁRIO FERREIRA GONÇALVES

**AS - PB
DEZEMBRO - 2010**

MARIA DO ROSÁRIO FERREIRA GONÇALVES

**INCLUSÃO EDUCACIONAL DE PESSOAS COM NECESSIDADES
EDUCATIVAS ESPECIAIS NO ENSINO REGULAR**

Monografia apresentada à
disciplina de Estágio
Supervisionado em Docência
como exigência parcial do Curso
de Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Ms. Débia Suênia da Silva Sousa

CAJAZEIRAS – PB
DEZEMBRO – 2010



G635i Gonçalves, Maria do Rosário Ferreira.
 Inclusão educacional de pessoas com necessidades
 educativas especiais no ensino regular / Maria do Rosário
 Ferreira Gonçalves.- Cajazeiras, 2010.
 41f.: il.

 Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade
 Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
 Professores, 2010.
 Contém Bibliografia.
 Não disponível em CD.

 1. Educação inclusiva. 2. Inclusão educacional -
 crianças. 3. Educação infantil. 4. Crianças com
 necessidades de educação especial. 5. Ensino regular. I.
 Sousa, Débia Suênia da Silva. II. Universidade Federal de
 Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV.
 Título

CDU 376

A duas pessoas “especiais” que fazem parte da minha história de vida e me incentivaram a seguir o curso de Pedagogia, minha mãe Josefa e minha tia Damiana.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAVALARIA - PARANÁ

AGRADECIMENTOS

A Deus...

Único em nossas vidas, presente em nosso coração e fundamental para nossa caminhada. Sem Ele nada somos e seremos. Obrigado Senhor!

A mãe...

Obrigada a você que me deu a vida e me ensina lições tão vivas, que guardarei pra sempre em meu coração.

Ao colega...

Anderson Amiel, por ter colaborado nas verificações gramaticais desse trabalho, que Deus o ilumine.

Aos mestres...

Meus sinceros agradecimentos por terem me ensinado conhecimentos valiosos para a vida, com ênfase especial a minha orientadora, Débia Suênia da Silva Sousa, que tanto incentivou e torceu pelo sucesso de todos os graduandos.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAVALZBRAS - PAZADA

“[...] cada criança é um ser único, diferente de qualquer outra, que experimenta ritmo de evolução próprios, tem os seus interesses e provém de um universo cultural, econômico e familiar específico; cada é um caso, uma personalidade que desabrocha de modo diverso.”

Joaquim Azevedo

RESUMO

A inclusão educacional voltada para pessoas com necessidades educativas especiais (NEE's) é uma prática inovadora no desenvolvimento institucional da escola e do sujeito, assegurando uma educação de qualidade a todos em um crescente processo evolutivo de construção e reconstrução no cenário educativo. A opção pelo estudo foi, a princípio, por inquietação em descobrir como a escola regular lida com a inclusão dos alunos com NEE's em sala de aula e até que ponto contribui para o processo de aprendizagem do educando. Assim, o trabalho tem o objetivo de identificar como acontece a inserção dos alunos com NEE's no ensino fundamental. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, realizado com alunos do segundo ano do Ensino Fundamental. A análise obtida através da coleta de dados partiu dos seguintes instrumentos de coleta de dados: observação sistemática, entrevista semi-estruturada, aula teste e os documentos de memórias - (diário de campo e portfólio); tendo como base os estudos de André (2005); Matos, Vieira (2002) e Gonsalves (2003). As verificações constaram que os alunos com NEE's são bem acolhidos e aceitos pelos colegas, professores e funcionários. Mediante, as atividades desenvolvidas foi possível trabalhar adaptando os conteúdos programados, atendendo assim, as necessidades dos alunos com necessidades especiais, como também, dos ditos normais. Com base nos resultados, a inclusão educacional de crianças, jovens e adultos com necessidades especiais é de fundamental importância no fazer pedagógico, para o desenvolvimento da criança.

Palavras - chave: Inclusão Educacional. Ensino aprendizagem. Crianças com NEE's.

ABSTRACT

The inclusion of education focused on people with special educational needs (SEN's) is an innovative practice in the institutional development of the school and the subject, ensuring a quality education to all in an increasingly evolving process of construction and reconstruction in the educational setting. The choice of study was the principle concern for discovering how the school deals with the regular inclusion of pupils with SEN's classroom and how far it contributes to the learning process of educating. Thus, the study aims to identify how does the inclusion of pupils with SEN's in elementary school. This is a qualitative research study, conducted with second year students of elementary school. The analysis obtained by collecting data came from the following research instruments, systematic observation, semistructured interviews, classroom test of memories and documents - (a field diary and portfolio), based on the studies of Andrew (2005); Matos, Vieira (2002) and Gonsalves (2003). The checks consisted pupils with SEN's are welcomed and accepted by peers, faculty and staff. Through the activities could be programmed to work adapting the content, thus meeting the needs of students with special needs, but also the so-called normal. Based on the results, the educational inclusion of children, youth and adults with special needs is of fundamental importance in pedagogical practice, for the development of the child.

Key - words: Educational Inclusion. Teaching and learning. Children with SEN's.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| CONSIDERAÇÕES INICIAIS..... | 08 |
| CAPÍTULO I – PERCURSO METODOLÓGICO..... | 10 |
| 1.1 Local da pesquisa | 11 |
| 1.2 Sujeito da pesquisa | 11 |
| 1.3 Tipo de pesquisa | 11 |
| 1.4 Instrumento da pesquisa | 11 |
| 1.5 Abordagem da pesquisa | 12 |
| 1.6 Observações e entrevistas realizadas num ambiente de estágio de campo | 12 |
| 1.7 Fontes documentais construídas na vivência do Estágio Supervisionado em Docência | 13 |
| CAPÍTULO II - EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UMA PRÁTICA DESAFIADORA | 15 |
| 2.1 Perspectivas do processo de inclusão | 16 |
| 2.2 Tendências que concretizaram a declaração dos direitos às pessoas com necessidades educativas especiais | 17 |
| 2.3 A escola: lugar de inclusão | 18 |
| 2.4 Sala de aula, centro de relações para alunos com necessidades educativas especiais | 19 |
| CAPÍTULO III – PERCEPÇÕES E DESAFIOS DOS EDUCANDOS COM NEE’s EM RELAÇÃO AO CONVÍVIO..... | 21 |
| 3.1 Concepções da convivência e aprendizado na comunidade escolar..... | 22 |
| 3.2 A importância do estudo e disciplinas | 22 |
| 3.3 A escola: lugar recreativo que inclui pessoas com NEE’s | 23 |
| CAPÍTULO IV - EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO | 26 |
| 4.1 Experiências e práticas do estágio | 27 |
| 4.2 Atividades do estágio desenvolvidas nas diversas áreas do conhecimento..... | 27 |
| 4.2.1 Atividade de português | 28 |
| 4.2.2 Atividade de matemática | 30 |
| 4.2.3 Atividade de história e geografia..... | 31 |
| 4.2.4 Atividade de ciências | 33 |
| 4.3 Reações dos educando mediante o estágio supervisionado..... | 36 |

| | |
|----------------------------|----|
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 38 |
| REFERÊNCIAS | 40 |

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho enfatiza o tema Inclusão Educacional de pessoas com necessidades educativas especiais no ensino regular. Tema este de grande relevância no âmbito educacional, por ser um instrumento que assegura a educação para todos, e não somente para aqueles que apresentam deficiência. Deve ter o envolvimento de pais, professores e alunos, e estar voltado para atender e efetivar o acolhimento a diferença.

Atualmente a educação pública de nosso país vem desenvolvendo projetos de inclusão no que se refere às pessoas com necessidades educativas especiais - NEE's. No entanto, essa inclusão não acontece da forma adequada, pelo fato de a maioria das escolas de nossa região não implementarem esse modelo educacional e também devido a omissão de alguns professores preferindo que esse tipo de educação seja desenvolvida somente em escolas especializadas, não em escolas, no qual, o ensino é regular.

Por essa razão, a inclusão educacional está sendo desenvolvidas nas escolas com mínimas condições de atendimento e acolhimento. Há pouca qualificação do profissional, poucos recursos didáticos destinados a diversidade e difícil acessibilidade.

Diante do quadro em que se encontra a escola inclusiva, carente de professores qualificados para atuarem nessa área, surgiu o desejo de conhecer e adentrar nessa nova reforma escolar. As experiências no convívio com amigos e familiares com NEE's, também deram incentivo e levaram a crer que a educação para essas pessoas pode ser possível, se inseridas no meio social. E, por fim, a experiência como educadora, na APAE de São João do Rio do Peixe - PB, escola que atende crianças, adolescentes e adultos com NEE's, despertaram o interesse à prática inclusiva.

Isa necessidade despertou o desejo de conhecer como está sendo desenvolvido o ensino-aprendizagem e o processo de inclusão das crianças com NEEs, na escola de ensino regular do nível fundamental.

É necessário analisar como essas crianças se sentem na escola, se são respeitadas, aceitas, bem tratadas pelos alunos, professores e funcionários. E se dispõe de recursos suficientes para atender as exigências educandos.

É preciso refletir melhor sobre a identidade e o processo de aprendizagem desses alunos em um contexto de respeito frente às diversidades. Não limitá-los, apenas, a estar numa sala de ensino regular, mas sim atender as suas especificidades.

Para que melhore a convivência e compreensão com essas crianças, tanto na escola quanto na sociedade, é importante a aceitação e inclusão das mesmas, tendo em vista que, foco a ser

centrado na temática seja o êxito do aluno no processo ensino-aprendizagem e não a deficiência.

É de grande importância a abordagem dessa temática, pois abriu novos horizontes para um melhor aprofundamento nos meus estudos através dos referenciais fornecidos pela academia, proporcionando uma maior compreensão e desenvolvimento desse trabalho, dando-me suporte necessário para a minha aprendizagem, na vida pessoal e profissional no serviço docente.

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom Moisés Coelho, com alunos do 2º ano, mesma sala onde também ocorreu o Estágio Supervisionado em Docência.

Em sua estrutura, a monografia está dividida em capítulos seguidos pelas considerações finais e referências.

O primeiro capítulo aborda o percurso metodológico, ou seja, toda a trajetória necessária para o estudo da pesquisa de campo até o estágio supervisionado.

O segundo capítulo relata a educação inclusiva como uma reforma desafiadora para educação; seu processo, a Declaração dos direitos as pessoas com NEE's, além dos autores que defendem essa causa.

O terceiro capítulo apresenta as declarações postas pelos educandos durante a pesquisa de campo, onde expressam a importância do aprendizado; da convivência; das disciplinas e o momento recreativo como um dos diversos momentos importantes oferecido pela comunidade escolar.

E o último capítulo diz respeito às experiências e práticas vivenciadas no estágio supervisionado; a estruturação das atividades ligada às diversas áreas do conhecimento e a ação dos educandos mediante a prática docente desenvolvida no estágio.

A consideração final aborda: o processo que se deu para a inclusão educacional chegar às escolas do Brasil; a experiência como docente no estágio supervisionado e a visão da escola no comprimento a inclusão educacional das pessoas com NEE's.

E por fim, os referenciais que nortearam a reflexão e fundamentaram a temática em questão.

CAPÍTULO I

1. PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo farei a apresentação do percurso metodológico adotado na pesquisa de campo, descrevendo detalhadamente os procedimentos e métodos utilizados na realização deste trabalho, o local da pesquisa, além de contemplar também o sujeito norteador da pesquisa, os alunos com necessidades educativas especiais.

1.1 Local da pesquisa

A metodologia contribui no desenvolvimento de um trajeto, a fim de chegar a um objetivo almejado. Para trilhar esse caminho é necessário articular as diversas estratégias para a construção do conhecimento.

Viabilizando o percurso desse estudo, a pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom Moisés Coêlho, localizado no município de Cajazeiras – PB, situada no Sertão Paraibano.

1.2 Sujeito da pesquisa

A população alvo para a realização da pesquisa foram alunos com NEE's do ensino fundamental com a idade de 8 a 14 anos. Foram entrevistados duas crianças e um adolescente, sendo uma criança do 2º ano e as outras do 5º ano. Isso ocorreu devido a um pequeno número de alunos com NEE's matriculados no turno da manhã e a dificuldade apresentada por outras crianças em participar da entrevista.

1.3 Tipo de pesquisa

A pesquisa foi realizada através do estudo de caso, no qual, André (2005), enfatiza que em um estudo investigativo e descritivo de um caso particular de um aluno ou professor, o interesse do pesquisador é compreendê-lo como unidade.

1.4 Instrumentos de coleta de dados

Os instrumentos de coleta de dados que subsidiaram esse trabalho foram: a observação sistemática dos alunos com NEE's e a entrevista semi-estruturada.

Sendo assim, a observação possibilitou uma melhor compreensão e análise das questões, de forma que um complementa o outro. A observação sistemática é utilizada em: “[...] pesquisas que descrevem com grande detalhamento e precisão certos fenômenos, o pesquisador usa um roteiro com informações previamente selecionadas com base, no qual, faz seus registros”. (MATOS, VIEIRA, 2002, p. 60).

A observação realizada na escola teve a intenção de perceber como os alunos com NEE's se relacionam, interagem, absorvem as informações e se desenvolvem no processo

ensino-aprendizagem, levando em conta as considerações que os mesmos fizeram na entrevista.

Segundo Matos e Vieira (2002) a entrevista semi-estruturada consiste em aplicar uma série de perguntas igualmente aos entrevistados. É importante na entrevista avisar com antecedência aos entrevistados o material a ser utilizado, o gravador e os reais procedimentos para a sua realização, tais como: se deseja participar da entrevista, à hora de início e término e se deseja ser identificado ou não.

A entrevista e a observação aconteceram durante o período de duas semanas no início do mês de setembro no ano de 2009. Durante as visitas houve uma boa recepção por parte dos funcionários da escola, principalmente pela professora regente e os alunos.

A entrevista foi realizada durante dois dias, pelo fato de nem todos os alunos estarem presentes na escola. No primeiro dia, dois alunos foram entrevistados no primeiro horário na sala de recurso, local onde são realizadas atividades que ajudam a melhorar e reforçar o conhecimento que o aluno necessita para enriquecer sua aprendizagem. Enquanto o primeiro prestava a entrevista, o outro aguardava na sala de aula para em seguida realizar o mesmo processo. Os mesmos se dispuseram ao trabalho e ao término da entrevista cada um se dirigia para a sala de aula.

No segundo dia a entrevista foi realizada na sala dos professores. Inicialmente, foi perguntado ao aluno se ele podia participar da entrevista, a resposta foi positiva, então, deu-se início a mesma.

Durante o diálogo o aluno mostrava prazer em poder participar e contribuir para o desenvolvimento do trabalho, no qual, ele é o foco, para a construção e realização. Terminado a entrevista o aluno se direcionou para a sala de aula para continuar as atividades escolares.

Esses instrumentos de pesquisa contribuíram para a reflexão sobre as reais perspectivas de inclusão que a escola desenvolve até o presente momento.

1.5 Abordagem da pesquisa

Obtive dados que me fizeram analisar qualitativamente a situação em que os alunos se encontram no contexto educacional. Tendo em vista que a pesquisa qualitativa preocupa-se em compreender e interpretar o fenômeno, considerando que os outros dão as suas práticas. Gonsalves (2003).

1.6 Observações e entrevistas realizadas no ambiente de estágio de campo

As fontes documentais utilizadas serviram para refletir sobre a ação aplicada na realização do estágio, que em determinados momentos poderiam ser reelaborados com mais precisão e assim subsidiar toda a elaboração das atividades e facilitar a execução da mesma mediante a prática aplicada em sala de aula.

CAPÍTULO II

2. EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UMA PRÁTICA DESAFIADORA

Este capítulo aborda a educação inclusiva: uma prática desafiadora, enfatizando as perspectivas desse processo; as tendências que concretizaram a declaração dos direitos às pessoas com necessidades educativas especiais; a escola, lugar de inclusão e sala de aula como centro de interação social. Fundamentado principalmente em autores como Carvalho (2000), Bruno (2006) e Cardoso (2006).

2.1 Perspectivas do processo de inclusão

A educação promove o desenvolvimento pessoal do aluno, tornando-o capaz de tomar decisões e intervir socialmente ao longo da vida. As relações pessoais e interpessoais tem se destacado neste âmbito, sendo merecedores de profunda análise e reflexão. Em concordância com vários estudiosos e pesquisadores sabemos que os valores éticos e morais constituem a base da formação humana. Assim sendo, existe uma grande necessidade no campo educacional para atender alunos com NEE's nas escolas regulares, tendo em vista que, a escola transforma e constrói o sujeito em sua singularidade (diferenças), ela não pode furtar um encontro com o outro, o diferente é inevitável.

Pensando nesse novo olhar na educação, surge uma reforma educativa, a Educação inclusiva, importante processo para a construção do conhecimento onde a escola está em constante mudança e rico em diferenças.

Viabilizando a temática abordada, o processo de inclusão educacional na escola acontece de forma mútua. No qual,

[...] A educação inclusiva deve ter como ponto de partida cotidiano: o coletivo, a escola e a classe comum, onde todos os valores com necessidades educativas, especiais ou não, precisam aprender, ter acesso ao conhecimento à cultura e progredir no aspecto pessoal e social. (BRUNO, 2006, p. 14-15).

Nesse sentido a comunidade escolar tem que pensar em uma educação que, de fato, reconheça as singularidades culturais das pessoas com NEE's. O professor, nesse caso, é a ferramenta fundamental para mediar esse processo de inclusão, ele tem que investir na realização de uma prática pedagógica que transforme a diferença.

A tão almejada homogeneidade dos modos de aprender e ensinar, dos modos de avaliar e interagir com os outros, de planejar, selecionar os conteúdos escolares etc, vem aos poucos, dialogando com a realidade heterogênea de toda sala de aula, possibilitando compreender a singularidade e a pluralidade como traços constituintes do processo ensino aprendizagem.

Na perspectiva de uma visão educacional, a inclusão social passa a ser vista como um processo de adaptação da sociedade que inclui as pessoas com necessidades educativas especiais em todos os âmbitos sociais. A construção de uma escola que promova a inclusão social, a qualidade de vida e a cultura diversificada dos alunos no ato da interdisciplinaridade desencadeiam uma aprendizagem inovadora, importante na construção do conhecimento às

peças com NEE's e também aos alunos "normais" do ensino regular oferecida pela rede oficial de ensino público.

2.2 Tendências que concretizaram a declaração dos direitos as pessoas com necessidades educativas especiais

Buscando a almejada igualdade de oportunidades de acesso à educação, no intuito de encontrar soluções que amenizem a exclusão de pessoas com NEEs nos países da Europa, representantes de alguns países e organizações internacionais realizaram a Conferência Mundial de Educação, encontro patrocinado pelo governo Espanhol e pela a UNESCO. Ciente da importância e amplitude da discussão, nesse encontro foi firmado uma Declaração conhecida na história da educação como Declaração de Salamanca.

Conforme as discussões ocorridas no evento ficou constatado que, o modo como o sistema educacional vem atuando tem levado a exclusão de uma grande parcela de alunos. Os alunos ditos normais sempre são privilegiados, enquanto que os diferentes ficam a margem da sociedade.

Viabilizando uma melhoria para esse quadro, Cardoso cita a Declaração de Salamanca partindo do seguinte pressuposto:

As escolas regulares com orientações para a educação inclusiva, são os meios mais eficaz no combate às atitudes discriminatórias, propiciando condições para o desenvolvimento de comunidades integradas, base da construção da sociedade inclusiva e obtenção de uma real educação para todos. (1994, p.09).

O documento das Nações Unidas, intitulado "Regras Padrões sobre Equalização de Oportunidades para as pessoas com deficiências", demanda que os Estados e membros assegurem que a educação as pessoas com NEE's seja parte integrante do sistema educacional, reafirmando o compromisso com educação para todos, ao conscientizarem da necessidade e urgência de uma educação para crianças, jovens e adultos com NEE's em um sistema regular de ensino.

Cardoso (1994, p.08) cita que, a Declaração de Salamanca proclama os seguintes pontos:

- Toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas;
- Aqueles com NEE's devem ter acesso a escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer tais necessidades;

- Escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias, criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos;
- Alunos com NEE's devem receber apoio suplementar que necessita para obter uma educação eficiente.

É importante frisar que as Leis, no que diz respeito a inclusão, tem oferecido caminhos para a execução da prática, mas isto não significa que tem assegurado o seu sucesso. A escola precisa estar mobilizada para trabalhar e dar respostas à diversidade. Isto requer aceitação, valorização e compromisso.

2.3. A escola: lugar de inclusão

É preciso que cada escola comprometida com o ideal da educação para todos, trabalhe a seguinte perspectiva:

[...] a inclusão, como desejável e necessário movimento para melhorar as respostas educativas das escolas, para todos, com todos e para toda a vida, deve preocupar-se com a remoção das barreiras para a aprendizagem e para a participação (promovendo a interação, a integração, entre os colegas de turma, da escola...e, por certo, com os objetos do conhecimento e da cultura). (CARVALHO, 2000, p.111).

Nesse sentido, algumas questões têm surgido: como pensar uma escola que, de fato, reconheça as singularidades e culturas das pessoas com NEE's? É possível compreender e lidar com a diferença no cotidiano escolar rompendo com o discurso, ainda hegemônico, do "respeito" e da "tolerância" a diferença que termina apontando para ações pedagógicas que investe na discriminação, seleção, domesticação e controle do outro/do diferente?

Para tanto, a meta da inclusão escolar é transformar as escolas em espaços de formação e de ensino de qualidade para todos os alunos e não apenas para os que têm uma deficiência. A inclusão implica mudanças de conceitos e posições, que fogem às regras tradicionais do jogo educacional.

Para que as escolas sejam verdadeiramente inclusivas, abertas às diferenças, há que se reverter melhor a acessibilidade, o modo de pensar, de fazer educação nas salas de aula, de planejar e avaliar o ensino, de formar e aperfeiçoar o professor, inclusive, os que atuam no ensino fundamental. Têm-se uma necessidade urgente de romper as práticas escolares vigentes para a implementação de práticas educativas que tenham como norte a educação para todos, sem discriminação, que acolha e valorize os alunos. Assim estarão garantindo uma "atitude inclusiva" que favoreça o surgimento da sociedade mais justa e igualitária.

Nos dias de hoje muitas escolas resistem a promover inclusão, podemos perceber isso através da escassez de escolas que atendem aos estagiários que trabalham o tema inclusão educacional. Mas, de acordo com a constituição e pela LDBEN/88, não se pode negar a nenhum aluno a matrícula obrigatória nas escolas comuns do ensino regular, dos 7 aos 14 anos e em idades anteriores e superiores a essa faixa. Somente a escola comum garante esse acesso e possibilita a tão sonhada inclusão. Isso implica trabalhar com a diversidade de forma interativa, orientando para o acolhimento, aceitação, esforço coletivo, igualdade de oportunidades e de desenvolvimento.

É preciso respeitar a capacidade de cada aluno de construir conhecimentos e de preparar-se para o trabalho. Eis aí um desafio que depende exclusivamente do processo educativo implementado pela escola para atingir com sucesso uma educação que seja de todos.

2.4 Sala de aula, centro de relações para alunos com necessidades educativas especiais

A sala de aula é necessariamente um lugar de interação social para todos aqueles que a constituem.

Ao longo da história da educação, várias mudanças ocorreram na sala de aula, o aluno antes era considerado um mero receptor passivo do conhecimento e o professor o protagonista da situação, extremamente autoritário.

É perceptível que com as constantes reformas educativas, essa situação mudou. Hoje os alunos interagem com os professores, têm-se uma relação de dialogicidade.

Essa verdade vem aos poucos transformando o espaço educacional de forma dinâmica, interativa e inclusiva. Apesar de nem todas as escolas adotarem a prática da inclusão tem-se ouvido muito falar que essa é uma modalidade que daqui a um tempo, não muito distante, estará mais próximo de nossa realidade regional.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, citado por Bruno, pode-se afirmar que:

As crianças com qualquer deficiência, independentemente de suas condições físicas, sensoriais, cognitivas ou emocionais, são crianças que tem as mesmas necessidades básicas de afeto, cuidado e proteção, e os mesmos desejos e sentimentos das outras crianças. Elas têm a possibilidade de conviver, interagir, aprender, brincar e serem felizes, embora, algumas vezes, de forma diferente. (2006, p. 21).

É importante ressaltar que toda e qualquer criança, seja ela especial ou dita normal é um sujeito de possibilidades e necessidades. Sendo assim, incluir é um processo de dedicação, confiança e de acreditar no progresso dos alunos com NEE's.

Foi essa a confiança levou vários professores e outros profissionais da educação a se dedicarem em tornar possível a inclusão. Os desafios são vários, o primeiro deles é o de manter o aluno especial em sala de aula, além do fato de não querer se comunicar com ninguém; é nesse momento que o professor deve insistir na superação de cada criança, aderindo a práticas inovadoras que contemple a classe inteira, inclusive o potencial da diversidade.

CAPÍTULO III

3. PERCEPÇÕES E DESAFIOS DOS EDUCANDOS COM NEE's EM RELAÇÃO AO CONVÍVIO ESCOLAR

Neste terceiro capítulo, comentarei a respeito da pesquisa de campo implícito na concepção dos educandos, onde expressaram sobre a convivência e aprendizado na comunidade escolar, a importância dos estudos e disciplinas e também o momento recreativo que inclui as pessoas com NEE's.

3.1 Concepções da convivência e aprendizado na comunidade escolar

Este capítulo aborda como se dá a convivência dos alunos com NEE's na rede pública de ensino, o modo como eles se relacionam e interagem no processo de inclusão educacional desenvolvido na escola.

Na observação, percebe-se que as crianças com NEE's são bem aceitas pelos alunos e professores em sala de aula. Dessa forma, esses alunos desinibem e ficam abertos, interagindo de forma positiva, como o bom acolhimento de suas diferenças.

Em relação à aprendizagem, esta acontece de acordo com as habilidades de cada aluno com NEE's. Um dos garotos apresenta um maior grau de deficiência e não consegue acompanhar o ritmo das atividades em sala de aula, o trabalho com ele é voltado para a socialização, mas há sempre um trabalho em conjunto das professoras, uma da sala regular e a outra da sala de recursos, em que ambas desenvolvem atividades pedagógicas de colagem, cores, formas, com o aluno. Já o outro tem uma deficiência moderada, ele desenvolve suas atividades por meio de jogos em sala de aula e na de recursos e assim consegue acompanhar as atividades desenvolvidas. O desenvolvimento dos trabalhos dos alunos depende muito da atenção da professora e da ajuda mútua das outras crianças.

Foi notória a participação deles durante as explicações na sala de aula, isso mostra que possuem condições favoráveis para adentrar no contexto educacional, mesmo dentro de suas limitações.

Assim, na concepção de Schmid, Coelho e Ribeiro (2006), "Incluir significa o respeito à diferença, um reconhecimento acerca das impossibilidades do sujeito diferente, estabelecendo-se, ao mesmo tempo, uma mudança do foco para as suas potencialidades." (p.45). Nesse sentido, a diferença encontrada nas escolas abre caminhos para que as pessoas com NEE's desenvolvam suas aptidões visando uma inclusão justa e sociável.

A convivência dos alunos com NEE's com as pessoas que fazem parte da escola, colegas, professores e funcionários, ocorre de forma positiva mantendo um bom relacionamento no ambiente de estudo. Assim o Aluno C afirma ter "Bons colegas, pois são meus amigos. Minha professora é muito afetiva e brincalhona e os funcionários são meus amigos" (17/09/2009). Consta-se, portanto a existência de entrosamento e companheirismo da comunidade escolar, em destaque.

3.2 A importância do estudo e disciplinas

Em relação aos estudos, ficou clara a satisfação em estudar e ser incluído em uma escola que promove aprendizagem e desenvolve no educando o prazer de fazer parte dessa instituição de ensino. Sendo assim, o Aluno B afirma que: “gosto de estudar, porque é pra mim aprender” (15/09/2009). Nota-se o interesse dos alunos ao estudo, sendo perceptível quando falam de seu “entrosamento” em relação às disciplinas. Dentre essas, as preferidas sobressaíram-se: português, matemática e artes, porém matemática foi elegida a mais acessível e de fácil aprendizado. Assim, o Aluno B diz: “matemática é mais fácil” (15/09/2009).

Nesse sentido, a Unesco (2000) relata que:

Todas as crianças, jovens e adultos, em sua condição de seres humanos, têm direito de beneficiar-se de uma educação que satisfaça as suas necessidades básicas de aprendizagem, na acepção mais nobre e mais plena do termo, uma educação que signifique aprender assimilar conhecimentos, aprender a fazer, a conviver e a ser. Uma educação orientada a explorar os talentos e a capacidades de cada pessoas e a desenvolver a personalidade do educando, com o objetivo de que melhore sua vida e transforme a sociedade. (p.52).

Assim, como pessoa dotada de condições para adentrar no contexto educacional, mesmo diante de suas limitações, as pessoas com NEE’s conseguem viver as experiências nos diversos momentos que a escola oferece.

3.3 A escola: lugar recreativo que inclui pessoas com NEE’s

Na escola as crianças interagem entre si, promovendo a socialização nas diversas situações de sua vida escolar. O momento recreativo tem sua importância na vivência escolar. É um momento em que as crianças se divertem muito com várias brincadeiras acontecendo de forma natural, sem fins educativos, assim dizem que brincam de: “[...] pula corda, bicheira e pega-pega”; (Aluno B 15/09/09).

Foi possível detectar que, as brincadeiras acontecem de maneira prazerosa, onde a maioria dos alunos se socializa nesse momento de entretenimento. Lima (2006) mostra-nós que:

O brincar propicia aos sujeitos, os efeitos da sua interação com os outros e a internalização dos resultados positivos dessa interação. [...] é uma forma de ‘faz –de-conta’, em que o indivíduo lida com sua deficiência e constrói significados [...] dinâmicos, abertos a interação e modificações. (136 e 137).

O lúdico apropriado no momento recreativo é de grande relevância, no que diz respeito à aprendizagem e socialização a pessoas com NEE's, porém há alguns que não desfrutam deste momento, afirmando que: "antes eu saía, mas, como sou deficiente visual prefiro ficar na secretaria para não me machucar lá fora nos corredores da escola." (Aluno C, 17/09/2009).

Embora ocorram alguns fatos que restrinja alguns alunos de momentos importantes como o da recreação, a instituição caminha viabilizando meios para adaptar e inserir com dignidade os alunos que a compõem. O destaque está na presença dessas pessoas no interior da escola sendo aceitas e asseguradas com uma educação oferecida a todos. Certificando essa inclusão, o Aluno B afirma que, a escola atende: "Ricardo que é cego e é muito estudioso, João Gleidson que é deficiente mental e os surdos" (15/09/2009).

Os alunos reconhecem que a escola atende as pessoas com NEE's, isso é muito importante para o aluno, pois a convivência deles no ambiente de estudo reflete a imagem da escola mediante a reforma educativa assumida pela instituição.

Contudo, a escola como entidade inclusiva à pessoas com NEE's necessita de mais atenção da sociedade no tocante a aceitação, pois os alunos que constituem a escola sentem a necessidade de serem melhor tratados. Assim, afirma o Aluno C, quando diz: "As pessoas devem ser mais acolhedoras e escutar o que queremos falar" (17/09/2009).

Desta forma, Mantoan (2006), afirma que:

Todos os alunos sejam suas dificuldades e incapacidades reais ou circunstanciais, físicas, intelectuais ou sociais, têm a mesma necessidade de serem aceitos, compreendidos e respeitados em seus diferentes estilos e maneira de aprender, quanto ao tempo, interesse e possibilidades de ampliar e aprofundar conhecimentos, em qualquer nível escolar. (p.30).

Nota-se que a convivência das crianças com NEE's, no ambiente escolar proporciona satisfação e alegria no processo de inclusão. "Minha escola é alegre tem muita gente boa, a diretora professores e alunos" (Aluno B 15/09/2009).

Com vista à realidade dos alunos foi constatado que a inclusão educacional acontece na escola dentro das possíveis condições que a mesma oferece; os alunos participam das aulas, brincam no momento da recreação e se divertem dentro de suas condições.

Assim, como promotora da inclusão,

O papel fundamental da escola no processo de inclusão escolar dos alunos com necessidades educacionais especiais não se resume apenas em poder desenvolver com as habilidades essenciais para a conquista de uma maior autonomia, mas também na possibilidade poder contribuir com a sua evolução como pessoas. (CARDOSO, 2006, p.2).

Em linhas gerais, percebe-se a efetivação da inclusão educacional na escola, mencionada na fala dos alunos, porém, a qualidade precisa ser questionada e aprimorada para um melhor direcionamento aos trabalhos almejados pela instituição.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS, PARAIBA

CAPÍTULO IV

4. EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Neste capítulo comentarei sobre a experiência e práticas vivenciadas no estágio supervisionado; as atividades relacionadas às diversas áreas do conhecimento que articuladas à organização e o planejamento que nortearam o desenvolvimento das aulas, por fim as reações dos educando mediante a prática desenvolvida durante o estágio.

4.1 Experiências e práticas do estágio

O estágio é o momento novo no qual podemos vivenciar experiências no cotidiano escolar através da prática de ensino. É uma prática pedagógica importante do percurso acadêmico que viabiliza por em prática o estudo apreendido no curso para desenvolver melhor os trabalhos durante o estágio supervisionado. Nesse sentido é oportuno afirmar que “o estágio se coloca como eixo articulador entre teoria e prática, já que os elementos da prática são trazidos pelos estágios e reelaborados nos cursos de formação docente, garantindo a produção de conhecimento nas áreas específicas da docência. (SCHAFFRATH, 2006, p.3).

Desta forma, todo o conhecimento teórico absorvido no estágio foi articulado para a produção do conhecimento no campo educacional.

A vivência do estágio foi significativa e os objetivos que o mesmo propunha conseguiram ser atingido. O trabalho desenvolvido teve como foco a temática “Inclusão educacional de pessoas com necessidades especiais”.

De início foi trabalhado os planos de aula preparados sob a orientação da professora orientadora para conhecer o nível de aprendizagem e as reais dificuldades apresentadas pela turma, especialmente os alunos com NEE's. Mediante a realidade da sala, os planos foram reelaborados para o melhor desenvolvimento das aulas procurando sempre suprir às necessidades dos educandos.

A organização das aulas iniciou com a preparação dos planos a partir dos conteúdos selecionados de livros didáticos. Junto aos livros foram trabalhados jogos, brincadeiras e dinâmicas desenvolvidas em sala de aula, “contribuindo assim, para uma melhor vivência, com isso, proporcionando uma viabilização do ciclo de aprendizado: ação, reflexão, teorização e planejamento” (MILITÃ; ALBIGENOR. 2000. p.26). Dessa maneira, possibilitando tornar o ambiente educativo mais prazeroso e descontraído para que ocorresse o processo de ensino e aprendizagem dos educandos.

4.2 Atividades do estágio desenvolvidas nas diversas áreas do conhecimento

Durante o estágio as disciplinas trabalhadas foram: Português, Matemática, História, Geografia, Ciências. E as atividades desenvolvidas foram: leituras diversificadas, colagens, produção textual, construção de cartazes, debates, exibição de filme, etc. Para o melhor desenvolvimento das atividades trabalhadas foi necessária uma pesquisa aprofundada e contínua dos conteúdos a serem ministrados. Nesse sentido, Pimenta (2004) afirma que:

[...] a pesquisa é componente essencial das práticas de estágio, apontando novas possibilidades de ensinar e aprender a profissão docente, inclusive para os professores formadores, que são convocados a rever suas certezas, suas concepções do ensinar e do aprender e seus modos de compreender, de analisar, de interpretar os fenômenos percebidos nas atividades de estágio. (p. 114).

Assim, a partir de um planejamento bem articulado com as atividades o estágio torna-se enriquecedor, tanto para o educando como para o docente estagiário, e um contínuo aprendizado nesse processo de formação docente.

4.2.1 Atividades de português

Nas aulas de Português foi trabalhada a prática da leitura. Foram utilizados textos curtos como: gibis, textos reflexivos, leitura visual, filmes, dramatizações entre outros. Todos eles com uma linguagem simples e de fácil entendimento para poder exercitar e melhorar a prática de leitura, interpretação textual e escrita.

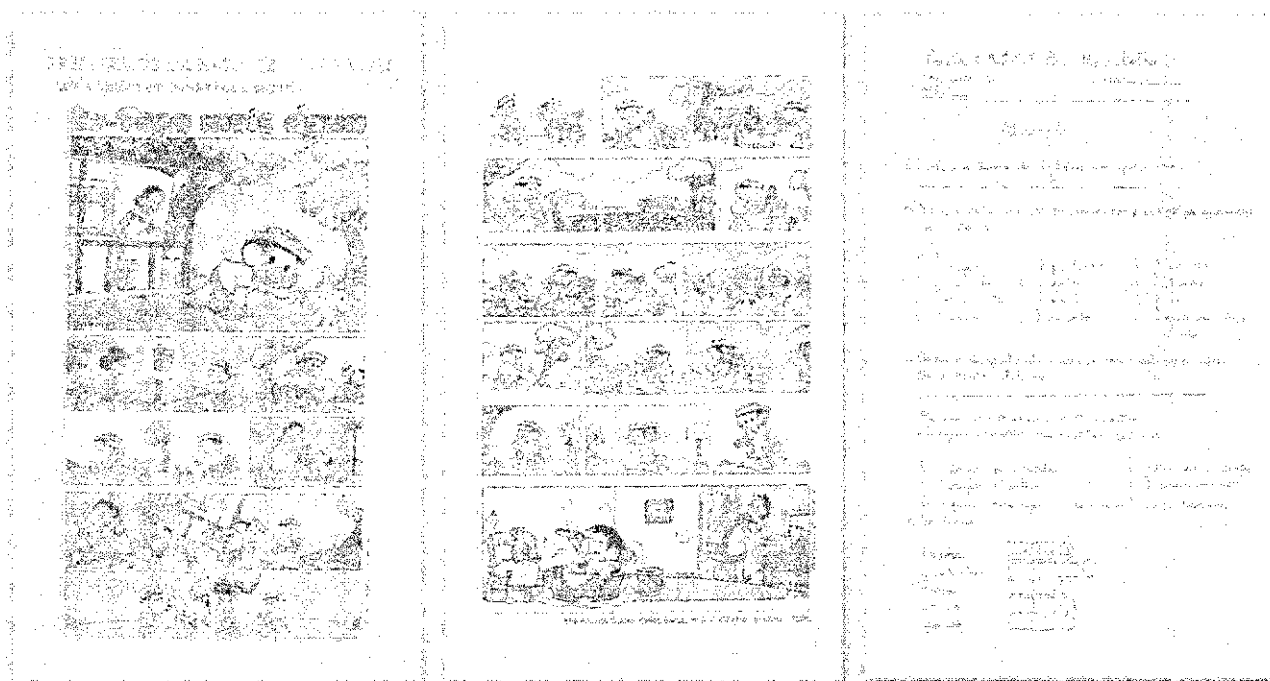
Sendo assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Português apresenta a seguinte concepção:

Toda educação verdadeiramente comprometida com exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem [...], à transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão. De modo geral, os textos são produzidos, lidos e ouvidos [...] são os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas [...] (2001. p.30).

E foi nessa perspectiva de compromisso com o ensino aprendizagem que foram desenvolvidas atividades diversificadas e criativas conduzindo os educandos a reflexão através da prática da leitura e produção de textos, a partir do entendimento que absorviam com o exercício da leitura.

É fundamental dizer que foram trabalhados textos de diferentes assuntos permitindo assim, o acesso à informação, dando condições aos educando a refletirem sobre os diversos pontos de vista.

A atividade seguinte é exemplo de como foi trabalhada as aulas de português:



Fotografia 01: Leitura e atividade realizada pelos alunos

Fonte: Portfólio

Essa atividade teve como tema de trabalho, a leitura de gibi, com estória relacionada ao meio ambiente. Teve como finalidade estimular a interpretação textual enfatizando a natureza como fator elementar do meio ambiente.

Inicialmente foi entregue um texto em forma de gibi, com a ausência de linguagem verbal, apenas figuras ilustrativas, no qual os educandos realizaram uma leitura visual e de forma individual. Em seguida fizeram a leitura em conjunto e depois iniciou-se um debate, onde os alunos apresentaram suas idéias sobre o texto “Precisamos da natureza para viver” destacando a ‘água’, como um dos principais recursos naturais; e ainda, a título de informação para os alunos, foi enfatizado a importância dos outros recursos (sol, ar, solo, animais e plantas), com o intuito de preservar e extrair o necessário para suprir as necessidades da vida humana.

Diante do desenvolvimento dessa atividade os educandos comentavam, participavam e expressavam o seu entendimento de forma clara. “Pode-se dizer que a aula do dia foi produtiva, houve muita participação dos educando com maior interesse do conteúdo a ponto de desenvolver os trabalhos ativamente. Pois, quando o professor leva conteúdos

Fonte: Portfólio.

Essa é uma atividade cujo tema foi números pares e números ímpares, e teve como finalidade trabalhar o conhecimento dos educandos acerca do tema citado, com a utilização de alguns materiais concretos.

Mediante os recursos apresentados os educandos faziam o manuseio dos objetos separando-os de dois em dois para distinguir aquele que seria par e do que seria ímpar. As fichas auxiliavam da seguinte forma, os números que terminassem em, 0, 2, 4, 6, 8, são os pares e os que terminassem em, 1, 3, 5, 7, 9, seriam ímpares. E foram dados ainda outros exemplos em sala de aula como: contar o número de meninos e meninas, de cadeiras, de professores etc.

Todos esses exemplos foram preparados para os educandos assimilarem melhor o conteúdo permitindo-lhes absorver as idéias acerca do tema e pô-la em prática. Na medida em que iam observando e praticando os exemplos, e desenvolvendo as atividades propostas, foi facilitando o entendimento sobre os números pares e ímpares estimulando uma maior compreensão pelos alunos.

Tendo em vista todo esse planejamento educacional, “[...] os educandos conseguiram adquirir conhecimento sobre o assunto através do trabalho desenvolvido com o material concreto, fazendo com que as crianças trabalhem individualmente e abstraíam suas próprias conclusões”. (DIÁRIO DE CAMPO, 29/08/2010).

4.2.3 Atividades de História e Geografia

Quanto aos conteúdos de História e Geografia, os trabalhos eram realizados com base na leitura de textos, sempre acompanhados com dinâmicas. Foram elaborados em sala de aula debates e confecção de cartazes.

As atividades de história foram poucas, apenas “Diversidade cultural e estudo de vivências do passado”. O desenvolvimento dessas atividades foi realizado tendo em vista a leitura do mundo, através do conhecimento da diversidade de ambientes, culturas e modos de vida, para compreender de modo mais crítico a época presente em paralelo com as épocas passadas.

A atividade abaixo é significativa para exemplificar como foram desenvolvidas as aulas de História:

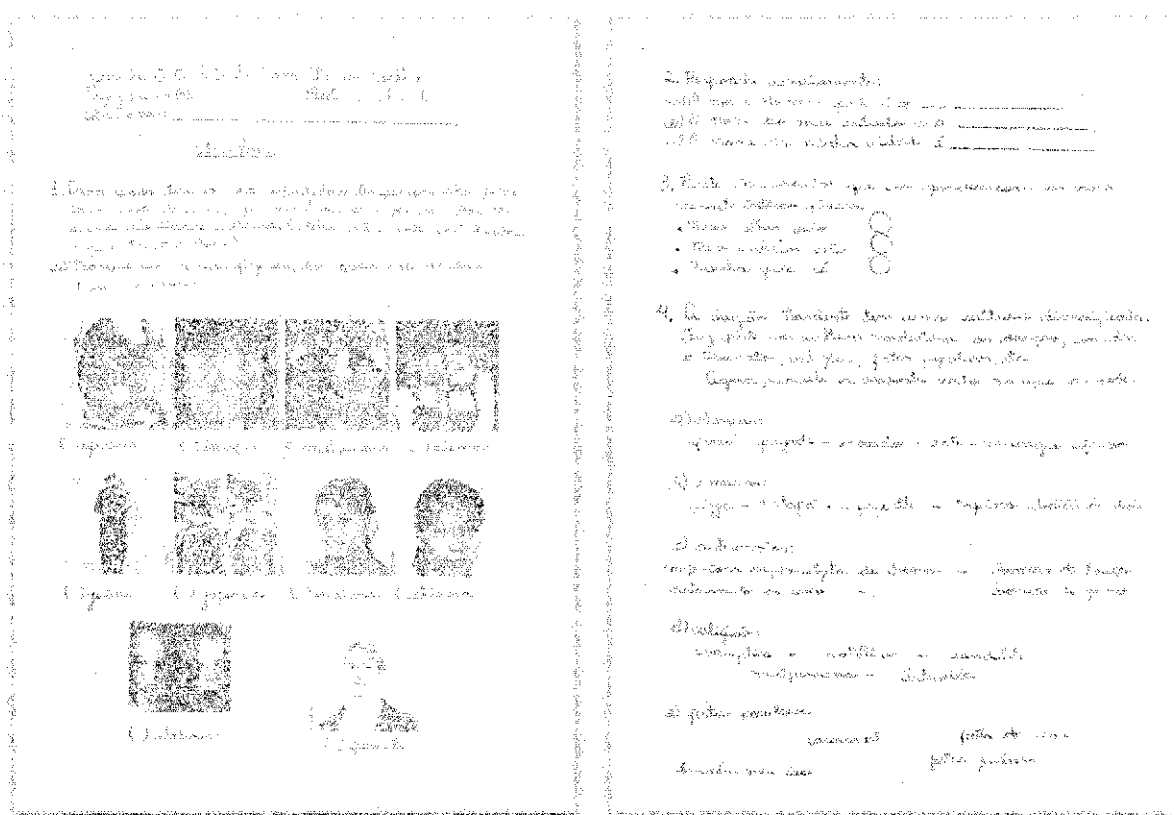


Figura 03: Atividade sobre a diversidade cultural.

Fonte: Portfólio.

Essa atividade foi direcionada por dinâmicas com objetivo de “introduzir o tema o qual era representado por cartazes e exposto em sala de aula para os educandos observarem as diferenças e relatarem o que foi visualizado” (DIÁRIO DE CAMPO, 10/09/2010).

Nessa perspectiva, as aulas ministradas na disciplina de história foram proveitosas e participativas, causando nos educandos o interesse pelo estudo do passado.

Em relação à disciplina de geografia foi trabalhado o estudo das manifestações da natureza em suas múltiplas formas presente na paisagem. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais de História e Geografia diz: O estudo da geografia aborda principalmente questões relativas à presença e ao papel da natureza e sua relação com a ação dos indivíduos, dos grupos sociais e de forma geral, da sociedade na construção do espaço geográfico (2001, p.127).

O ensino de geografia desenvolvido no estágio conduziu o educando a perceber o meio ao qual está inserido observando as diferentes realidades sociais através do

conhecimento prévio que lhes já são constituídos. Dessa maneira, permitindo-o compreender melhor a questão do espaço geográfico presente na sociedade e que futuramente irão contribuir para a crescente melhora desse espaço.

A seguir podemos perceber através deste exemplo, os tipos de atividades que foram trabalhadas:

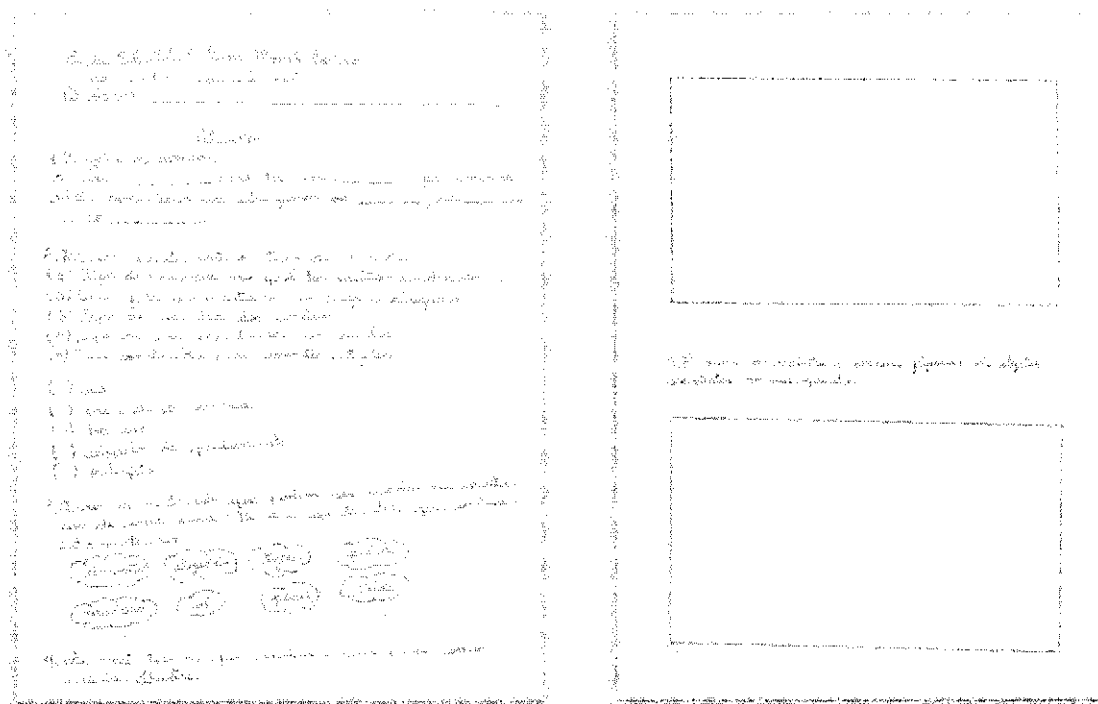


Figura 04: Atividade de geografia sobre os diferentes tipos de moradias.

Fonte: Portfólio.

Para desenvolver esta atividade foi apresentado um cartaz com os diferentes tipos de Casas, que servem de moradia para o homem e as casas que servem de moradia para os animais. E mediante a exposição, “[...] os educando interagiam fazendo perguntas significativas que contribuirão para a crescente aprendizagem dos mesmos”. (DIÁRIO DE CAMPO, 23/08/2010).

Essa atividade fez os educandos refletirem sobre a importância dos diversos tipos de casas existentes no meio social. Em relação à aprendizagem, foi satisfatória mostrando interesse e participação nos sujeitos envolvidos.

4.2.4 Atividades de Ciências

Na disciplina de Ciências, foram trabalhados assuntos relacionados aos animais como: a fauna brasileira, a diversidade, a extinção e a cobertura do corpo dos animais. Todas as aulas eram ministradas por meio de cartazes ilustrados onde as crianças faziam a leitura e entendiam melhor o conteúdo.

Tendo em vista que, no ensino de Ciências é fundamental:

[...] A observação, a experimentação, a comparação, o estabelecimento de relação entre fatos ou fenômenos e idéias, a leitura e a escrita de textos informativos, a organização de informações por meio de desenhos, tabelas, gráficos, esquemas e textos, o confronto entre suposições, a proposição e solução de problemas, são diferentes procedimentos que possibilitam a aprendizagem. (BRASIL, 2001, p.34).

Nesse sentido, levando em consideração o cronograma apresentado pela professora regente, as aulas foram motivadas a serem trabalhadas com o uso de cartazes, dinâmicas, leituras de textos informativos, etc. Dessa forma, as aulas ficaram muito ricas motivando os educandos a observar e fazer suas respectivas intervenções por meio da curiosidade que tem sobre os conteúdos aplicados.

Podemos observar no exemplo a seguir como os educandos são questionados a relatarem e refletirem o que sabem sobre a diversidade dos animais e as conseqüências da influência do homem sobre a fauna nos tempos presentes. No instante dessa conversação foi observado que, “Durante a explicação os educando participavam assiduamente apresentando a compreensão do estudo do tema, foi perceptível o desempenho diante da motivação provocada pelo tema.” (DIÁRIO DE CAMPO, 06/09/2010).

Abaixo segue a atividade escrita exercitada pelos educandos:

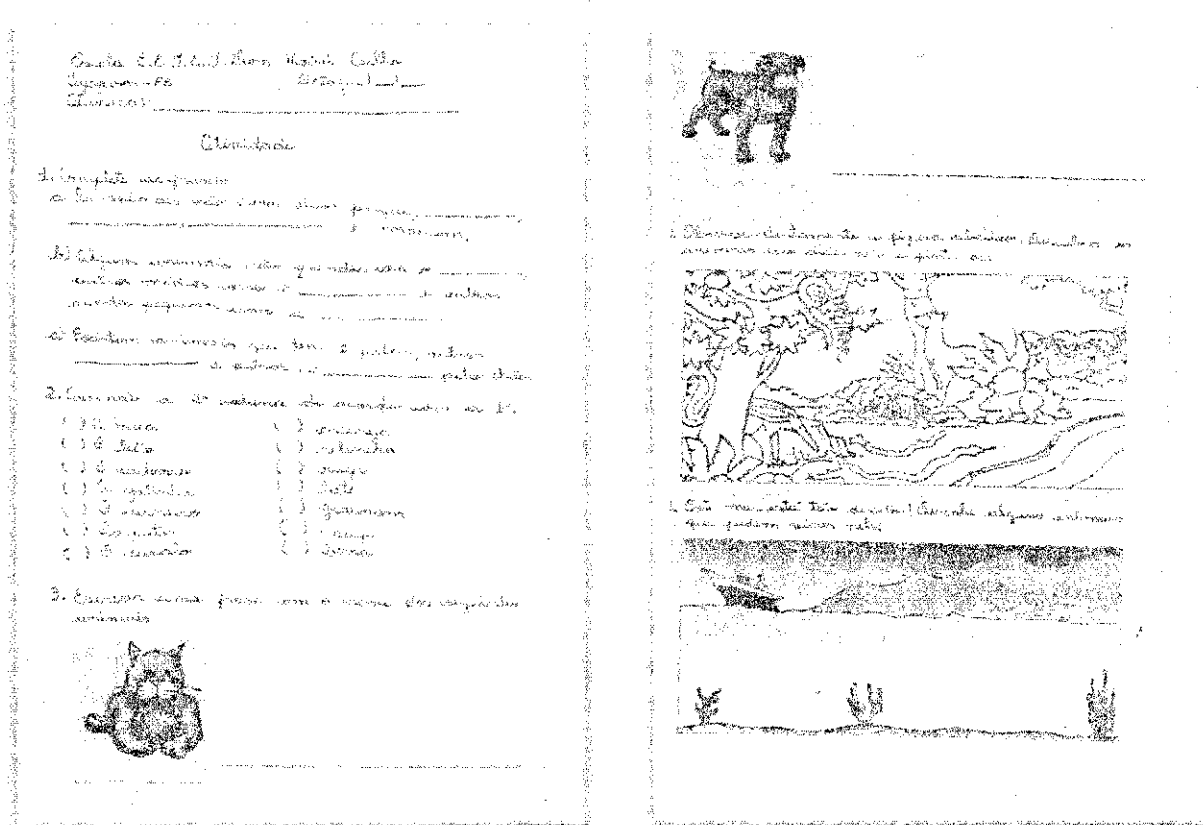


Figura 05: Atividade de ciências sobre a diversidade dos animais.

Fonte: Portfólio

Os educandos não apresentaram dificuldades em desenvolver as questões, pois o cartaz ilustrativo e o auxílio do professor ajudaram os mesmos nos trabalhos apresentados. Assim, "A aula foi dinâmica, reflexiva, participativa, onde os educandos comentaram o que entenderam, além de responderem prontamente a atividade de classe" (DIÁRIO DE CAMPO, 06/09/20100).

Foi notório nos estudos de Ciências, o interesse da turma acerca dos conteúdos ministrados, levando em consideração que tiveram subsídios para a promoção dessa participação designando assim com o comprometimento da disciplina.

Seguindo a linha almejada sobre inclusão educacional de pessoas com NEE's, foi possível desenvolver na escola campo de estágio as atividades planejadas que atendessem as necessidades das pessoas com NEE's. Enquanto que um aluno com NEE's conseguia, com o auxílio da professora, executar as atividades propostas a toda a turma, o outro aluno não conseguia, mas recebia um acompanhamento com outras atividades que condissesse as suas reais necessidades. Tudo conforme o planejado foi desenvolvido dentro das condições apresentada pelo aluno.

As atividades desenvolvidas na sala de aula foram colagens, separação de objetos por cores, exercício da coordenação motora, além do belo trabalho de socialização que a escola desenvolve.

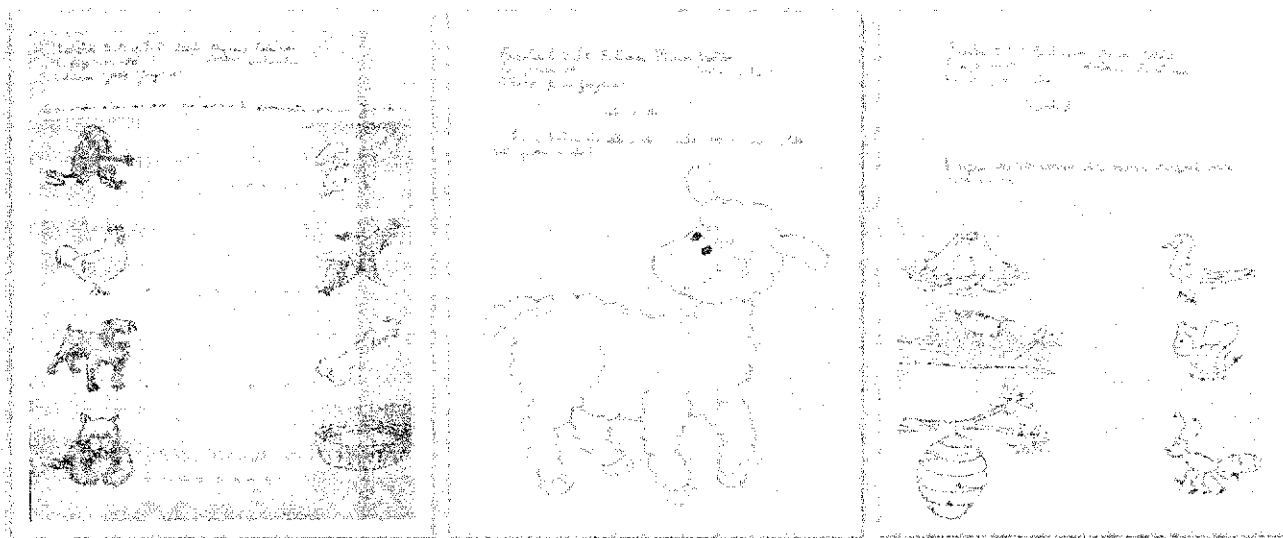


Figura 06: Atividades diversificadas para o aluno com NEE's.

Fonte: Portfólio

Seguindo a trajetória da escola juntamente com a experiência, essas atividades desenvolvidas trouxeram resultados muito significativos para os educandos envolvidos nesse processo.

4.3 Reações dos educando mediante o estágio supervisionado

Foi notória a participação dos educandos durante o desenvolvimento das aulas, mostraram-se assíduos e um bom relacionamento. A turma apresentava uma reciprocidade de respeito e companheirismo para com os alunos com NEE's. Isso pode ser evidenciado através de um maior conhecimento sobre o processo educativo, proposto a seguir:

O processo educativo vai proporcionar todo esse convívio positivo, pois vai atuar na construção de personalidades humanas, autônomas, críticas, onde crianças e jovens tendem a serem pessoas de bem [...], os alunos são orientados a valorizarem a diferença, pela convivência e pelo clima sócio afetivo das relações estabelecidas em toda a comunidade escolar, sempre, com espírito solidário e participativo. (MANTOAN, p. 45, 2006).

Mediante o convívio escolar, as relações humanas fazem-se presentes, promovendo a interação entre os alunos. Entretanto, foi observada essa interação com a presença de dois

alunos com NEE's, em sala de aula. Dentre esses alunos, apenas um freqüentava assiduamente as aulas e conseguiu acompanhar a maioria das atividades, mostrando destaque para a disciplina de Matemática. O outro aluno não apresentava tanta assiduidade, o trabalho com ele basicamente era voltado para a socialização, mas foi possível realizar com ele algumas atividades, por exemplo, colagens. No trabalho com músicas participava fazendo gesto, como também, na exibição de um filme participava identificando os nomes dos personagens, em outro momento, quando o filme apresentava agitação fazia a cara de zangado, já em outro momento que apresentava calma mostrava-se tranqüilo.

Durante o estágio as aulas foram desenvolvidas de forma produtiva em que realmente acontecia a aprendizagem, focalizando o objeto de estudo "a inclusão educacional de pessoas com NEE's no ensino regular". De início foi muito difícil, porque poucos são os referenciais para desenvolver atividades para alunos com NEE's, como também se fez necessário conhecer o aluno e suas dificuldades para preparar atividades ligadas ao conteúdo proposto.

Todo esse percurso do estágio serviu de experiência para a futura carreira docente. Foi possível perceber que o trabalho docente é uma tarefa que requer muita preparação, a começar pela pesquisa nos referenciais até chegar à prática que realizar-se a em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns anos atrás a pessoa com necessidades educativas especiais era separada da sociedade e impedida de exercer seu papel de cidadão com seus direitos e deveres. Só a partir da década de 50, essa situação modificou-se com a integração dessas pessoas na sociedade atendendo-as de forma assistencialista. Porém, nesta última década o atendimento assistencialista não satisfaz a sociedade, e os diversos grupos de pessoas com deficiências buscaram seus direitos a educação e conquistaram a garantia da democratização do acesso e universalização do ensino, ou seja, os princípios da inclusão educacional.

A inclusão tem a finalidade de promover uma educação de qualidade que beneficie a todos, indistintamente, em escolas comuns de ensino regular, desencadeando o enriquecimento para toda a escola: alunos, professores, gestores, pais e a sociedade.

No nosso país há muitas barreiras a serem ultrapassadas para que a educação inclusiva seja de fato e de direito uma conquista, portanto faz-se necessário as mobilizações das escolas de ensino regular. No Brasil muitas escolas trabalham com essa reforma educativa, mas na região sertaneja tem muito a se pensar sobre tal questão que, em sua maioria, não aderiram ainda a essa prática a ponto de ser necessário se deslocar a outras cidades para desenvolver o trabalho relacionado ao tema, inclusão educacional de pessoas com NEE's. Além disso, crianças, jovens e adultos especiais precisam se deslocar para outros municípios afim de desfrutar desse direito que é garantido por Lei.

É relevante destacar aqui, a Escola de Ensino Fundamental Dom Moisés Coelho da cidade de Cajazeiras - PB, que ultimamente vem acolhendo, heroicamente, as pessoas de nossa região. No entanto, é necessário aprimorar mais a escola, apesar do grandioso esforço de professores, gestores e pais. É preciso uma formação continuada para professores e gestores com uma maior conscientização dos funcionários, alunos e sociedade em geral sobre essa causa, e também, rever os recursos didáticos disponíveis para os alunos desenvolverem seu aprendizado de forma satisfatória e eficaz.

A experiência do estágio foi muito positiva para a vida pessoal, assim como para a prática docente, no sentido de servir de apoio para a trajetória profissional como forma de ajudar o educando no seu processo de aprendizagem. O estudo sobre a temática permitiu compreender melhor a necessidade que essas pessoas têm para poderem interagir no meio social sem serem discriminadas e melhor aceitas mesmo diante de suas limitações, que podem ser superadas.

Contudo, a escola inclusiva presente viabiliza clareza e simplicidade em suas experiências, mostrando a sociedade o compromisso de, aos poucos, transformar a escola e adequá-la aos novos tempos, rumo a uma educação para todos.

REFERÊNCIAS

ALBIGENOR & MILITÃO, Rose. **Jogos, dinâmicas & vivências grupais: como desenvolver sua melhor “técnica” em atividades grupais.** 1.ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000.

ANDRÉ, Marli Elisa D. A. de. **Etnografia da Prática Escolar.** 12. ed. Campinas-SP: Papirus, 2005.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Ciências Naturais.** 3.ed. Brasília: MECSEF, 2001.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: **História e Geografia.** 3. ed. Brasília: MECSEF, 2001.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Língua portuguesa.** 3. ed. Brasília: MECSEF, 2001.

BRUNO, Marilda Moraes Garcia. **Educação Infantil: saberes e Práticas da Inclusão.** 4.ed. Brasília: 2006.

CARDOSO, Marilene da Silva. Aspectos históricos da educação especial: da exclusão a inclusão – Uma longa caminhada. In: STOBAUS, Claus Dieter; MOSQUEIRA, João José Mourião (Orgs). **Educação Especial: em direção a Educação Inclusiva.** 3. ed. Porto Alegre: edipucrs, 2006.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação Inclusiva: com os pingos nos “is”.** Porto Alegre – RS: Mediação, 2000.

COELHO, Maria Alice Sigaud Machado; RIBEIRO, Luciane pinto; SCHIMID, Patrícia Cavalcante. **Sou especial e estou na escola, e agora?** Educação inclusiva de crianças e adolescentes com necessidades educacionais especiais.1.ed.Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2008.

FONTES DOCUMENTAIS: **Diário de campo** - Cajazeiras - PB. 23 de agosto a 21 de setembro. **Portifolio** - Arquivo dos planos de aula e das atividades utilizado no estágio- Cajazeiras - PB. 23 de agosto a 21 de Setembro.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversa sobre iniciação à pesquisa científica.** Campinas - SP: Alínea, 2001.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversa sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas - SP: Alínea, 2001.

KOCH, Maria Celeste Machado; RIBEIRO, Maria Judithe Sperb. Um Professor Mediador entre o aluno e o saber matemático. In: XAVIER, Maria Luiza Merino; ZEN, Maria Izabel H. Dalla (Org.). O ensino nas séries iniciais. 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 1997.

LIMA, Priscila Augusta. **Educação inclusiva e igualdade social**. São Paulo: Avercamp, 2006.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Uma escola de todos, para todos: o mote da inclusão. IN: STOBAUS, ClausDieter e MOSQUEIRA, Jean José Mouriño, (Orgs). **Educação Especial: em direção a Educação Inclusiva**. 3. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. 2.ed.rev. e atual. Fortaleza: Democrita Rocha, 2002.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURA – Unesco. O Marco de ação de Dakar. Educação para todos: Atendendo nossos compromissos coletivos. Dakar, Senegal: Cúpula Mundial de Educação, 2000. Disponível em: < <http://www.unesco.org.br> >. Acesso: 25 maio de 2010.

PIMENTA, Celma Garrido. **Estágio e docência**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SCHAFFRATH, Marlene dos Anjos Silva. **Estágio e pesquisa. ou sobre como olhar a prática e transformá-la em mote de pesquisa**. Disponível em: <<http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/RevistaCientifica2/marleteschaffrath.pdf> > Acessado em: 15 de Outubro de 2010.